

## 4 Metodologia

É preciso lembrar que a distinção entre ciência e outros saberes está no método, sobretudo. Enquanto estes são taxados de senso comum, postura acrítica, credulidade etc., por vezes sem razão, ciência é assumida como conhecimento metódico, testado, e se possível verdadeiro. Assim, é a metodologia que coloca mais propriamente a pretensão científica e seu domínio define na prática quem é ou não cientista. (Demo, 1999, pp. 24-25).

Neste capítulo objetiva-se (1) discorrer a respeito do perfil dos participantes; (2) apresentar os princípios adotados para a coleta e organização dos dados; (3) tratar dos recursos tecnológicos empregados na pesquisa e (4) apresentar os procedimentos empregados na análise dos dados.

### 4.1 Perfil dos participantes

Nesta pesquisa, contamos com a participação de 90 (noventa) falantes nativos de português do Brasil, naturais do Rio de Janeiro, sendo 45 homens e 45 mulheres, levando-se também em consideração, para a seleção dos participantes, dados a respeito do nível sócio-econômico e da faixa etária, conforme se vê nos Quadros 4.1 e 4.2, apresentados a seguir.

Quadro 4.1: Perfil dos participantes (I)

Sexo	Nível sócio-econômico	Faixa etária	No. de participantes
Masculino	A	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05
	B	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05
	C	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05

Quadro 4.2: Perfil dos participantes (II)

Sexo	Nível sócio-econômico	Faixa etária	No. de participantes
Feminino	A	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05
	B	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05
	C	17-25	05
		26-49	05
		Mais de 50	05

A identificação do nível sócio-econômico foi realizada a partir de informação dada pelo participante a respeito do valor de seu rendimento mensal familiar<sup>34</sup>.

Como se pôde observar, a coleta de dados foi feita com homens e mulheres de variados níveis sócio-econômicos e faixas etárias, com o intuito de estabelecer, com base nessas informações, similaridades e/ou diferenças entre as formas empregadas na elaboração da opinião desfavorável.

Para a primeira fase da pesquisa, momento em que foi aplicada a versão preliminar do *Discourse Completion Test*<sup>35</sup>, contamos com a participação de 07 (sete) falantes do português do Brasil, naturais do Rio de Janeiro, com os seguintes perfis:

Quadro 4.3: Perfis selecionados para a primeira fase da pesquisa

Sexo	Nível sócio-econômico	Faixa etária	No. de participantes
Masculino	A	17-25	01
	B	26-49	02
	C	26-49	01

Sexo	Nível sócio-econômico	Faixa etária	No. de participantes
Feminino	A	17-25	01
	C	26-49	01
		Mais de 50	01

As coletas referentes às duas fases da pesquisa foram realizadas, em sua maioria, nas dependências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e contaram com a participação de estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes unidades, alunos matriculados no curso de extensão CLAC [Cursos de Línguas Abertos à Comunidade], além de funcionários. Parte da coleta foi também realizada com alunos e funcionários da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com funcionários da Procuradoria do Estado do Rio de Janeiro e com integrantes de uma igreja batista localizada no centro do Rio de Janeiro. As coletas foram realizadas entre março/2005 e agosto/2006.

<sup>34</sup> Para mais detalhes a respeito da definição de nível sócio-econômico e faixa etária, veja 4.2.1, neste capítulo.

<sup>35</sup> Para mais detalhes a respeito da formulação do *Discourse Completion Test* empregado nesta pesquisa, veja 4.2.2, neste capítulo.

## 4.2 Coleta e organização dos dados

No âmbito da pragmática e, mais especificamente, no da pragmática intercultural (*cross-cultural pragmatics*) há diversos estudos, cujas metas são investigar e descrever as estratégias lingüísticas empregadas pelos falantes no momento em que elaboram, seja em língua materna ou em língua estrangeira, diferentes atos de fala, tais como: pedidos (Blum-Kulka, 1987; Blum-Kulka et al., 1989; Rose, 1992; Marquez Reiter, 2000; Vidal, 2000; Aoyama, 2002), desculpas (Trosborg, 1987; Marquez Reiter, 2000), queixas (Tatsuki, 2000), recusa (Nelson et al., 2002a; Nelson et al., 2002b; Al-Issa, 2003) ou resposta a elogios (Lorenzo-Dus, 2001; Díaz, 2003).

Em um número considerável dessas pesquisas, os autores discorrem a respeito da dificuldade encontrada durante a realização da coleta de dados. Manes e Wolfson (1981), bem como Billmyer e Varghese (2000) e Lorenzo-Dus (2001) comentam que o ideal, no caso da investigação sobre atos de fala, seria capturar a produção espontânea do ato de fala em foco. Por outro lado, os mesmos autores admitem que, em certas ocasiões, o emprego de tal método de coleta se mostra difícil, tendo em vista que o pesquisador pode precisar empreender a coleta de grandes quantidades de dados para que seja possível capturar o fenômeno desejado. Além disso, Macedo (2003) atesta que a obtenção de dados de produção espontânea não é tarefa fácil em face daquilo que a autora denomina “paradoxo do observador”. De acordo com esse paradoxo, o lingüista, ao mesmo tempo em que busca “descrever a linguagem em seu contexto natural de uso” (Macedo, 2003, p. 60), interfere com a sua presença, com as anotações que faz, com os equipamentos para gravação em áudio e/ou vídeo etc. Desse modo, podemos nos perguntar em que medida o participante da pesquisa apresenta um comportamento lingüístico natural ou até que ponto os dados porventura obtidos refletem uma produção realmente espontânea. Acrescente-se a isso o fato de que Aoyama (2002), em estudo sobre as estratégias de pedidos elaboradas em um local de trabalho japonês, apesar de ter trabalhado com elocuições ocorridas naturalmente (*naturally occurring utterances*), concluiu que seus dados, coletados em uma cafeteria no Japão, corroboravam dados anteriormente obtidos por Blum-Kulka (1989) com o emprego de *Discourse Completion Test* (DCT), metodologia a respeito da qual discorreremos a seguir.

O *Discourse Completion Test* (DCT) é um instrumento de coleta de dados empregado amplamente, ao lado do *Open Role Play* e do *Close Role Play* (Marquez Reiter, 2000), em estudos que objetivam investigar a produção de atos de fala, com resultados já comprovados. Adaptado em 1982 por Blum-Kulka, o DCT se constitui em um questionário por meio do qual apresenta-se ao participante da pesquisa um conjunto de situações após as quais ele deverá esboçar alguma reação, respondendo por escrito (Billmyer & Varghese, 2000). O fato de as respostas serem escritas tem suscitado, por parte de alguns estudiosos, críticas, sob a alegação de que dados de fala estariam sendo coletados por meio da modalidade escrita. Por entendermos que a modalidade escrita dá ao usuário a possibilidade de maior elaboração de sua resposta e, portanto, um possível afastamento daquilo que seria de fato dito, adotamos a proposta de Nelson *et al.* (2002a, 2002b). Os autores sugerem que os dados sejam primeiramente coletados por meio de gravação em áudio e, posteriormente, transcritos.

Das situações elaboradas fazem parte informações contextuais e sociais, aspectos de fundamental importância para que um falante proceda à escolha das formas lingüísticas que serão empregadas na realização do ato de fala (Halliday, 1989; Almeida, 2002). Dessa maneira, as situações foram elaboradas de modo a deixar claros aspectos relacionados à descrição do cenário (*setting*) onde se desenvolve a cena, dos participantes envolvidos, das características sociais pertinentes, além do propósito do falante. Essa metodologia para coleta de dados vem sendo empregada com sucesso pelos pesquisadores do *Cross Cultural Speech Act Realization Project* (CCSARP) que, segundo Rose (1992), representa o que há de mais desenvolvido em termos de pesquisa a respeito de atos de fala.

O DCT tem sido apontado como um instrumento que nos dá a possibilidade de obter uma grande quantidade de dados em um curto espaço de tempo e em contextos em que a observação pode ser difícil (Lorenzo-Dus 2001; Rose, 1992; Márquez Reiter, 2000). Além disso, Billmyer e Varghese (2000) consideram-no de fácil manuseio tanto por parte do pesquisador quanto por parte do participante. Ademais, as situações fornecem um contexto controlado para a realização dos atos de fala e sua coleta.

Pelos motivos apresentados anteriormente e por julgarmos que a aplicação do DCT forneceria os dados necessários à análise da emissão da opinião em situações em que o falante já sabe antecipadamente que ela é desfavorável,

optamos pela escolha dessa metodologia para coletar os dados desta pesquisa. Os participantes deste estudo foram submetidos, juntamente com o DCT, a uma Ficha de Identificação.

A seguir, discorreremos mais detalhadamente a respeito de como a Ficha de Identificação e o DCT foram elaborados.

#### **4.2.1 Ficha de Identificação**

A fim de obter informações a respeito do participante, elaboramos uma Ficha de Identificação, aplicada antes do DCT. Essa ficha, cujo modelo encontra-se no Apêndice 1, foi dividida em três partes, a serem apresentadas a seguir.

Na primeira delas, denominada ‘Dados Pessoais’ (cf. Figura 4.1), buscamos identificar o participante por meio da coleta das seguintes informações: nome, faixa etária, país de origem, estado de residência, sexo e profissão. Apesar de o país em questão ser o Brasil e de os dados desta pesquisa terem sido todos coletados no estado do Rio de Janeiro, decidimos acrescentar essas informações, tendo em vista que os dados obtidos por ocasião deste estudo poderão ser empregados para a realização futura de estudos comparativos com outros idiomas, a exemplo do que é feito no CCSARP. Desse modo, garantiu-se, de antemão, que o *corpus* estivesse totalmente identificado. Com relação ao nome dos participantes, vale destacar que o anonimato de todas as pessoas que colaboraram com o desenvolvimento desta pesquisa foi mantido. No que diz respeito à faixa etária, optamos por uma divisão em três faixas, a saber (1) 17 - 25 anos; (2) 26 – 49 anos e (3) mais de 50 anos. A primeira faixa corresponde à idade em que as pessoas, geralmente, terminam o ensino médio e ingressam na Universidade ou no mercado de trabalho. A faixa etária de 26 a 49 anos representa a força da idade em pleno trabalho. Já a terceira faixa – mais de 50 anos – diz respeito àquela faixa em que algumas pessoas dão início seu processo de retirada do mercado de trabalho. Menores de 17 anos não foram considerados para fins desta pesquisa, pois parte-se do pressuposto de que o ensino de uma língua estrangeira para pessoas dessa faixa etária tem especificidades não consideradas nesta pesquisa, mais direcionada para aqueles que atuam com o ensino de PL2E para adultos.

Figura 4.1: Ficha de Identificação – Dados Pessoais

<b>I – Dados pessoais</b>			
<b>Nome</b>			
<b>Faixa etária</b>	(1) 17 – 25 anos (2) 26 – 49 anos (3) mais de 50 anos		
<b>País de origem</b>	BRASIL	<b>Estado</b>	Rio de Janeiro
<b>Sexo</b>	Masculino ( ) Feminino ( )		
<b>Profissão</b>			

Na segunda parte – ‘Dados para contato’ (Figura 4.2) – buscamos obter o e-mail e/ou o telefone do participante. Com esses dados, a possibilidade de um novo contato, caso necessário, estaria garantida.

Figura 4.2: Ficha de Identificação – Dados para Contato

<b>II – Dados para contato</b>	
<b>e-mail</b>	
<b>Tel.</b>	

A terceira e última parte, denominada ‘Informações adicionais’, é composta de dois itens, a saber: grau de instrução e rendimento mensal familiar, ambos subdivididos em três subitens, como se vê na Figura 4.3, apresentada mais adiante. Por rendimento mensal familiar entende-se, conforme definição do IBGE, a “soma dos rendimentos mensais dos componentes da família”.<sup>36</sup>

Em cada Ficha de Identificação, destinou-se um espaço para o número de registro, de 010 a 099, sendo cada número representativo de um participante da pesquisa, de modo que o primeiro participante foi identificado como 010. Conforme dito anteriormente, os sete primeiros informantes foram contabilizados na primeira fase da pesquisa, sendo numerados de 001 a 007.

Essa medida permitiu-nos armazenar o material de modo ordenado e garantiu um fácil cruzamento entre a Ficha de Identificação de cada participante e seus dados.

<sup>36</sup> [http://www.ibge.gov.br/ consultado em 27 de fevereiro de 2005]

Figura 4.3: Ficha de Identificação – Informações Adicionais

<b>III – Informações adicionais</b>	
<b>Grau de instrução</b> <sup>37</sup>	(a) Superior (b) Médio (c) Fundamental
<b>Rendimento mensal familiar</b>	(A) Acima de 12 salários mínimos <sup>38</sup> (B) De 4 a 12 salários mínimos (C) Até 4 salários mínimos

A preocupação com a organização do *corpus* e a experiência positiva obtida com o armazenamento dos dados da pesquisa de mestrado realizada anteriormente (Almeida, 2002) levou-nos a elaborar, com base nas informações colhidas na Ficha de Identificação, um código identificador alfanumérico. Compõem esse código as seguintes informações:

- Número de registro – de 001 a 007 [dados da primeira fase] e de 010 a 099 [dados da segunda fase] – indica a posição de um conjunto de dados dentro do *corpus*.
- Faixa etária – 1 [17-25 anos], 2 [26 – 49 anos] ou 3 [mais de 50 anos]
- Sexo – M ou F
- Instrução – a [Superior], b [Médio] ou c [Fundamental]
- Nível sócio-econômico – A [rendimento mensal familiar acima de 12 salários mínimos], B [rendimento mensal familiar de 4 a 12 salários mínimos] ou C [rendimento mensal familiar até 4 salários mínimos].
- Número da situação – de 01 a 12 [primeira fase] e de 01 a 18 [segunda fase] – indica a situação do DCT.

Desse modo, o código apresentado a seguir (Exemplo 1) nos fornece a indicação de que temos aí dados do conjunto 010 - parte integrante do *corpus* - de um participante que tem idade entre 26 e 49 anos, do sexo masculino, com nível superior, de nível sócio-econômico B, ou seja, com rendimento mensal

<sup>37</sup> Essa informação era complementada pelo entrevistador com a indicação completo / incompleto.

<sup>38</sup> Valor do salário mínimo em 2 de março de 2005: R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais) [Fonte: Jornal O Globo, 2 de março de 2005, p. 32]. Em 1º. de janeiro de 2006, passou, no estado do Rio de Janeiro, a R\$ 369,45.

familiar oscilando entre 4 e 12 salários mínimos. Temos, ainda, a informação de que a situação do DCT exemplificada é a de número 04, de um conjunto de 18<sup>39</sup>.

Exemplo 1:

Identificação do informante de 010 a 099	Faixa etária	Sexo	Escolaridade	Nível sócio-econômico	Situação do DCT
010	2	M	a	B	04

Cada um dos exemplos apresentados nesta pesquisa será acompanhado de seu código identificador, a fim de facilitar a recuperação de informações sobre o participante envolvido e a situação a que o exemplo se refere. No Apêndice 3 é apresentado um detalhamento do perfil de todos os participantes envolvidos nesta pesquisa.

#### 4.2.2

#### ***Discourse Completion Test***

Nesta pesquisa, de acordo com o que foi visto anteriormente, voltamos nossa atenção para o ato de fala opinar ou emitir opinião a respeito de algo ou alguém. Buscou-se investigar, em especial, o modo como os falantes elaboram, em português do Brasil, sua opinião em um contexto em que já sabem antecipadamente que a opinião pessoal é desfavorável ou negativa. A fim de obter os dados necessários a essa investigação, elaboramos um *Discourse Completion Test*, cuja versão completa encontra-se no Apêndice 2.

Conforme mencionado, trata-se de um questionário composto de situações preparadas com o intuito expresso de provocar, por parte do respondente, a formulação, oralmente, de uma opinião, tal como se vê a seguir, no Exemplo 2.

Exemplo 2:

“Você é funcionário de uma empresa e foi convocado por seu supervisor para uma reunião em que ele fez a exposição das metas para o semestre seguinte. Você achou a apresentação confusa e cansativa. Ao término da reunião, você percebe que o supervisor conversa rapidamente com outros funcionários. Ele, então, se dirige a você e pergunta: “O que você achou da reunião?”

<sup>39</sup> Na primeira fase, o DCT contava com apenas 12 situações.

O que se observa no Exemplo 2, extraído do DCT criado para esta pesquisa, é uma situação em que o participante assume o papel de funcionário de uma empresa que deve, a pedido de seu supervisor, opinar a respeito do desempenho deste durante uma apresentação. A opinião real a ser expressa tem uma carga negativa, uma vez que a apresentação foi classificada como ‘confusa e cansativa’. No entanto, estão em jogo, por exemplo, relações de hierarquia profissional e, portanto, de distância social e poder. Busca-se, então, por intermédio da aplicação do DCT, verificar como elaboramos opinião desfavorável nesse e em outros casos.

A inserção, ao final da situação, de formulações interrogativas, tais como “O que você achou da reunião?” ou “O que você acha?” tem, de acordo com Rose (1992), a função de garantir a verbalização do ato desejado e, ao mesmo tempo, evitar que se faça a sua descrição.

Para a primeira fase da pesquisa, foram elaboradas doze situações, com a preocupação de que refletissem situações rotineiras ou familiares aos falantes em geral. Apesar de todas exigirem, por parte do respondente, a emissão de uma opinião, elas se diferenciam por versarem a respeito de tópicos diferentes, conforme será visto a seguir, e por conta da introdução das variáveis sociais: distância social e poder, a respeito das quais discorreremos em 3.4.1. Para a segunda fase, foram incluídas seis situações: três ilustradas pela interação entre marido e mulher e três pela interação entre motorista de táxi e passageiro. Isso se fez necessário, pois verificamos, ao final da primeira fase, que não tinham sido contempladas as relações familiares e, portanto, de menor distância social, nem as relações ocasionais entre desconhecidos, momento em que teríamos maior distância social.

As dezoito situações foram preparadas de modo que a opinião versasse a respeito de três tópicos diferentes, a saber: um trabalho / ação realizada pelo ouvinte (uma habilidade), aparência física do ouvinte (algo inerente) ou um bem (algo externo). Essa tripartição foi adotada a fim de observarmos se haveria variação na emissão da opinião em função de tais fatores.

O Quadro 4.4, apresentado mais adiante, mostra, de forma resumida, a integração entre todos os elementos que tomaram parte na formulação das situações do DCT. Na primeira coluna estão ordenadas de forma crescente as dezoito situações. Na segunda, foram apresentados os tópicos a respeito dos quais a opinião deveria ser elaborada – ação realizada, aparência física ou um

bem, conforme explicitado anteriormente. A terceira coluna traz informação relativa à relação de poder que envolve os participantes das situações apresentadas no DCT. A simbologia adotada representa cinco tipos de relação, a saber:

**0** ⇒ situação em que o respondente interage com um familiar íntimo.

- ⇒ situação em que o respondente [funcionário] interage com alguém que está em situação hierárquica superior [supervisor], tendo, portanto, menos poder.

= ⇒ situação em que o respondente tem tanto poder quanto seu interlocutor [vizinho, amigo]

+ ⇒ situação em que o respondente [chefe] interage com alguém que está em situação hierárquica inferior [subordinado], tendo, portanto, mais poder.

++ ⇒ situação em que o respondente interage com um desconhecido que está a seu serviço [motorista de táxi, trocador de ônibus].

A quarta e última coluna contém dados referentes ao tipo de relação que se estabelece entre os participantes das situações formuladas para o DCT, podendo esta ser:

1. Pessoal ⇒ entre familiares e amigos.
2. Social ⇒ entre colegas de trabalho.
3. Social/pessoal ⇒ entre vizinhos.
4. Social [+ Distância pessoal] ⇒ entre desconhecidos.

As doze situações identificadas com [\*] fizeram parte do DCT aplicado na primeira fase, tendo sido respondidas pelos sete participantes, gerando 84 respostas. Uma das respostas, no entanto, foi classificada como inaudível e desconsiderada para esta pesquisa. A análise desses e dos dados da segunda fase é objeto do Capítulo 5.

Quadro 4.4: Elementos essenciais para a formulação das situações do DCT

Ordem da situação no DCT	Tópico a respeito do qual versa a opinião	Relação de poder	Tipo de relação (social ou pessoal)
Situação 1	Ação realizada	0	Pessoal
Situação 2 [*]	Ação realizada	-	Social
Situação 3 [*]	Ação realizada	=	Social / Pessoal
Situação 4 [*]	Ação realizada	=	Pessoal
Situação 5 [*]	Ação realizada	+	Social
Situação 6	Ação realizada	++	Social [+ Distância social]
Situação 7	Aparência física	0	Pessoal
Situação 8 [*]	Aparência física	-	Social
Situação 9 [*]	Aparência física	=	Social / Pessoal
Situação 10 [*]	Aparência física	=	Pessoal
Situação 11 [*]	Aparência física	+	Social
Situação 12	Aparência física	++	Social [+ Distância social]
Situação 13	Bem	0	Pessoal
Situação 14 [*]	Bem	-	Social
Situação 15 [*]	Bem	=	Social / Pessoal
Situação 16 [*]	Bem	=	Pessoal
Situação 17 [*]	Bem	+	Social
Situação 18	Bem	++	Social [+ Distância social]

Já o DCT completo, composto das dezoito situações, conforme já mencionado, foi aplicado a noventa participantes, gerando um total de 1620 respostas, analisadas no Capítulo 5. Essas respostas, bem como as anteriores referentes à primeira fase, após terem sido gravadas com o auxílio do programa computacional *Praat* ou de um gravador digital, receberam o código identificador, foram transcritas e digitadas em formato *Word*.

A fim de tornar o acesso ao *corpus* mais fácil e, assim, gerenciar adequadamente as informações, foi criado, com o auxílio do programa *Microsoft Access*, um banco de dados. Essa medida permitiu-nos realizar diversos tipos de cruzamentos e seleções de dados. Os dados, na íntegra, estão no Apêndice 4.

### 4.2.3

#### A dinâmica da coleta

As coletas foram realizadas individualmente, em uma sala onde permaneciam apenas a pesquisadora e o participante. Após o preenchimento da Ficha de Identificação, o participante era submetido a um teste de voz com o

objetivo não só de verificar o funcionamento do programa utilizado e do microfone, mas, principalmente, para tornar a interação com os equipamentos mais amigável e menos tensa. Nesse momento, também a título de teste, a pesquisadora pedia para que o participante formulasse uma opinião a respeito de um cartão postal, utilizando o comando “O que você acha desse postal?”, a fim de observar se o mesmo empregaria o discurso direto, necessário para a formulação das respostas que seriam dadas para as situações do DCT.

Depois do término dos procedimentos iniciais, o participante recebia, então, a instrução de que seria apresentado a um conjunto de dezoito situações e que deveria, após cada uma delas, esboçar sua reação oralmente o mais rápido possível, garantindo, dessa forma, que o participante não tivesse muito tempo para a formulação das respostas. Após tais orientações, dava-se, então, início à coleta dos dados.

### 4.3 Recursos tecnológicos

As fases de coleta, armazenamento e análise dos dados envolveram o emprego de diferentes programas computacionais, a saber: *Praat*, *Word*, *Microsoft Access*, *MonoconcPro* e *KWIC Concordance*<sup>40</sup>.

Com relação ao *Praat*, trata-se de um *software* para análise de fala desenvolvido por Paul Boersma e David Weenick, do Instituto de Ciências Fonéticas (*Institut of Phonetics Sciences*), da Universidade de Amsterdã. Esse programa, disponível como *freeware* em [www.praat.org](http://www.praat.org) ou em [www.fon.hum.uva.nl/praat/](http://www.fon.hum.uva.nl/praat/), permite ao pesquisador realizar inúmeras tarefas, tais como:

- Gravar arquivos de áudio que podem ser analisados em etapa posterior;
- Transcrever, etiquetar e segmentar dados de áudio;
- Realizar análises fonéticas e acústicas em nível segmental (espectrograma, análise de formantes etc) e suprasegmental (*pitch* [curva de F0], intensidade e duração etc);
- Realizar síntese da fala;
- Construir ferramentas para aprendizagem;

---

<sup>40</sup> Disponível para *download* em [http://www.chs.nihon-u.ac.jp/eng\\_dpt/tukamoto/kwic\\_e.html](http://www.chs.nihon-u.ac.jp/eng_dpt/tukamoto/kwic_e.html).

- Elaborar análises estatísticas a partir de estudos fonéticos.

Nesta pesquisa, o *Praat* foi empregado em três etapas: coleta, armazenamento dos arquivos de som e análise dos dados. Ele permitiu gravar e armazenar os arquivos de áudio.

O programa *Word* foi empregado para digitação e armazenamento das respostas obtidas após a aplicação do DCT.

O terceiro programa utilizado nesta pesquisa foi o *Microsoft Access 2003*. Trata-se de um sistema relacional de administração de banco de dados que permite o gerenciamento de banco de dados, tornando mais fáceis a organização e o acesso às informações.

Fez-se também uso de um programa desenvolvido por Michael Barlow, do Departamento de Linguística da Universidade de Rice. Trata-se do *MonoconcPro*, um organizador de concordâncias<sup>41</sup> [*concordancer*], utilizado sobretudo em linguística de *corpus*. Com esse programa é possível, a partir de um determinado *corpus*, realizar tarefas como: criar listas de palavras em ordem alfabética ou por frequência de emprego; gerar produção de concordâncias [*concordance*] e obter informação sobre colocações [*collocation*]. A fim de complementar este programa, empregamos, igualmente, o *KWIC Concordance*, um *freeware* que, por utilizar a interface Windows, dialoga mais facilmente com este.

De modo geral, uma das vantagens apontadas com relação a esse tipo de programa – o organizador de concordâncias – diz respeito à possibilidade de obter os dados inseridos em contexto, tal como afirma Reppen:

A utilização primária em pesquisa dos dois softwares [*MonoconcPro* e *WordSmith Tools*] é gerar concordâncias ou listagens de todas as ocorrências de determinada palavra em dado texto, mostrando-as no contexto. (Reppen, 2001, p. 33)<sup>42</sup>

O Exemplo 3, apresentado a seguir, foi extraído do *corpus* desta pesquisa com o auxílio do *MonoconcPro*. Conforme dito, é possível verificar alguns dos contextos em que o verbo achar<sup>43</sup> foi utilizado.

<sup>41</sup> Cf. tradução proposta por Almeida Filho e Schmitz (1997).

<sup>42</sup> The primary research use of both software packages [*MonoconcPro* e *WordSmith Tools*] is to generate concordances, or listings of all the occurrences of any given word in a given text, with words shown in context. (Reppen, 2001, p. 33)

<sup>43</sup> A busca foi realizada com a inserção de *ach\**, de modo a que pudéssemos obter todas as ocorrências para o verbo achar.

### Exemplo 3:

1. Eu [[achei]] a reunião confusa e cansativa e: gostar ...
2. ... repetisse para todos.... Novamente. Eu [[acho]] que você deveria continuar praticando.. ...
3. ... o... Você poderia ter feito melhor. Eu [[acho]] que está ficando bom. Você deveria cont ...
4. ... ia, mas não para ambiente de trabalho. [[Acho]] que poderia ter sido:: melhor expos:to: ...
5. ... coisas, mas foi interessante É... Eu [[acho]] que a repetição leva à melhora cada vez ...
6. ... repetição leva à melhora cada vez mais. [[Acho]] que ce tem que estudar bastante. Não ...
7. ... r aí: pra poder perder mesmo massa. Eu [[acho]] que você que TEM que estar satisfeito, ...
8. ... .. Eu preferia o anterior, né? Bom, eu [[Acho]] que você não deveria fazer isso. Eu ach ...

Os resultados gerados pelo programa citado apresentam o item procurado – ach\* - entre colchetes e inseridos em um contexto mínimo, tal como exposto no Exemplo 3. Os truncamentos, representados pelas reticências, são também gerados automaticamente pelo programa. Vale destacar que, em caso de necessidade, o usuário pode, durante a utilização do *MonoconcPro*, solicitar expansão do contexto.

Nesta pesquisa, o *MonoconcPro*, bem como o *KWIC Concordance*, foram empregados com dois objetivos: gerar frequência de uso e gerar produção de concordâncias.

#### **4.4 Procedimentos empregados na análise dos dados**

A análise dos dados desta pesquisa foi empreendida sobretudo com o emprego de um paradigma qualitativo que, segundo Minayo (1996, p. 21), “aprofunda-se no modo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Após ter realizado a coleta e a transcrição dos dados, a análise destes foi iniciada a partir do levantamento das configurações contextuais, empregando as variáveis campo, modo e relações (cf. Halliday, 1989), a serem detalhadas no capítulo a seguir. Após essa etapa, os 83 enunciados da primeira fase e os 1620 da segunda fase foram estudados.

Inicialmente, todas as respostas foram analisadas a fim de que se pudesse identificar e classificar seu núcleo ou o momento da fala em que a opinião é expressa. Na segunda fase da análise, foi identificada, em algumas respostas, a

presença de elementos periféricos – aqueles que orbitam em torno do núcleo e que têm, na maior parte das vezes, a função de atenuar o impacto da opinião desfavorável. Uma vez identificados os elementos periféricos, passou-se a sua classificação e descrição. Em etapa posterior, foram verificados os processos de elaboração tanto do núcleo como dos elementos periféricos empregados pelos informantes. Ainda com relação à etapa de análise, observou-se o papel das seguintes variáveis na elaboração da opinião desfavorável: (a) campo e relações (variáveis contextuais), (b) relação de poder e distância social entre os participantes e (c) tópico (aparência física, habilidade e bem/posse). Por fim, foi considerada a relação entre perfil do participante e escolha do tipo de opinião desfavorável a ser emitida.

As etapas de análise acima descritas e as exemplificações são apresentadas e detalhadas nos próximos capítulos.